



Conhecimento na Era da Informação: Navegar é preciso?¹

Alice Regina Pacó de SOUZA²
Carina AMAZONAS³
Mirley Tereza Correia da COSTA⁴
Faculdade Boas Novas, Manaus, AM

RESUMO

O mundo atual é resultado de uma série de fatos que aconteceram e acontecem ao nosso redor e vão modificando a sociedade e sua maneira de lidar com as informações e com a aquisição de conhecimento. Estamos imersos em um mundo de informações que são atualizadas na velocidade do clique de um mouse, e nesse ínterim, o setor tecnológico é parte determinante na construção de um novo paradigma, a chamada “Era da informação”. O presente artigo se propõe a realizar uma breve análise do contexto da sociedade da informação, observando a diferença entre dado, informação e conhecimento; além de tecer considerações acerca do uso das novas tecnologias de comunicação e informação para a construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: sociedade da informação; tecnologia; conhecimento; informação.

TEXTO DO TRABALHO

"Navigare necesse; vivere non est necesse"
(cf. Plutarco, in Vida de Pompeu.)

Recorremos ao latim de Pompeu, general romano que ficou conhecido pela frase “Navegar é preciso; viver não é preciso”, (equivocadamente atribuída ao português Fernando Pessoa), para anunciar o questionamento que norteará os rumos desse artigo. A referida citação surgiu após um pedido dos marinheiros para que uma viagem à Sicília fosse adiada. Segundo a história, os marinheiros se recusaram a viajar durante a guerra e estavam amedrontados em virtude de uma tempestade iminente.

No presente artigo, serão salientadas reflexões acerca do trecho “Navegar é preciso”, em um tom de discussão, mas não no sentido originalmente empregado. O intuito principal

¹ Trabalho apresentado no II 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Boas Novas - AM, email:.

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Boas Novas - AM, email:

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Boas Novas - AM, email: jimiaislan@hotmail.com



é fazer um pequeno recorte e viajar, ou melhor, navegar pelo mundo digital observando suas características e potencialidades.

O desenvolvimento de alguns meios de comunicação, como: jornal, revista, rádio, TV, telefone e telégrafo; transformou a maneira de recebermos informações. Porém, um equipamento foi o principal responsável por impulsionar essas transformações, o computador.

Tanto a mídia quanto a sua evolução tiveram papéis fundamentais na intensificação de transformar o mundo no que MacLuhan chamou de aldeia global. A interatividade, a acessibilidade e a rapidez da comunicação, cada vez mais comuns nos dias de hoje, nos permitem uma atualização contínua.

Com o intuito de entender as mudanças que ocorriam na sociedade, um grupo de estudiosos e pesquisadores estabeleceu um novo paradigma para tentar esclarecer o modelo social atual. Por esse feito, esse grupo foi cognominado de sociedade da informação e representam o período histórico no qual nos encontramos.

Um dos precursores desse estudo foi o sociólogo norte americano, Daniel Bell. O criador do conceito da “Sociedade Pós-Industrial”, afirmou que países ocidentais encontravam-se em etapas diferentes do desenvolvimento. No livro, “O Advento da Sociedade Pós-Industrial”, Bell expressa que as nações teriam de se preparar para uma transição com direção a uma nova realidade. Para ele, países como Estados Unidos, Inglaterra e França já haviam passado da linha divisória do capitalismo e entrado no atual estágio de desenvolvimento. Na visão do sociólogo, as sociedades estão divididas entre: pré-industrial, industrial e pós-industrial.

Na primeira, a sociedade tem como base econômica a agricultura e é controlada pelo senhor feudal. Outra característica é que a Igreja detinha todo o conhecimento nesse período. A segunda tinha como figura dominante o homem de negócios e sua empresa. Já a terceira, é representada por cientistas, pesquisadores, jornalistas, consultores, universidades, centro de pesquisas, entre outros; esses seriam os “cabeças” dessa nova estrutura. Segundo o autor, a sociedade pós-industrial poderia ser conceituada pela qualidade dos serviços e confortos disponibilizados.

Assim que Bell formatou sua opinião de sociedade da informação, com serviços e uma ampla oportunidade de empregos para profissionais liberais, observou que esses elementos movimentariam a tecnologia e a economia, e ambas seriam divulgadas por computadores e os meios de comunicação.



Alvin Toffler (1970), difundiu por meio da obra “O Choque do Futuro”, o conceito de sociedade pós-industrial e ficou conhecido como um autor de visão “quase profética”, ao “relatar” que as velhas sociedades de massa estavam perdendo as forças e passando a se “desmassificar”. Também previu para o ano 2000 uma sociedade diversificada e heterogênea.

Toffler destacou-se ainda mais com o conceito de sociedade da informação com o livro “A Terceira Onda”, em que buscou identificar e avaliar as mudanças revolucionárias da história. Realizou a abordagem *wavefront*, uma análise da frente social, a repartiu em três etapas e interpretou o desenvolvimento das sociedades como uma sucessão de ondas de transformações.

Nela há um crescimento notável do conhecimento que se dá tanto de forma quantitativa quanto qualitativa. O saber não só gera a novidade técnica e o aumento econômico, como também torna-se uma mercadoria-chave. Assim, entendemos que apesar de ser um feito recente, a sociedade da informação tem características bem definidas. “Essa nova sociedade é aquela inspirada na velocidade dos dados, no uso intensivo da telemática e do conhecimento, mercado globalizado, economia sinérgica, democracia participativa, entre outros”, afirma Yoneji Masuda, sociólogo japonês, importante estudioso desse modelo social.

A informação, a comunicação e os seus difusores exercem funções necessárias no dia a dia da população, realizando uma transformação sem precedentes na história. Hoje, a disponibilidade da informação tem se modificado em algo tão acentuado quanto a terra, o trabalho e o capital, modificando-se em uma das chaves principais na contemporaneidade.

Ao que tudo indica, a informação está se notabilizando na moeda corrente da fase pela qual passam as sociedades que já se industrializaram. Devido a esse valor estratégico na economia, a sociedade da informação mostra-se como desenvolvida em função da produção de valores imateriais, que dizer, os bens informacionais.

Segundo Masuda (1982), a expressão “sociedade da informação” associa-se a uma economia em que a informação está no meio das necessidades econômicas. O estudioso afirma que “a sociedade desenvolve em função da produção e do uso de valores informacionais”. E complementa ao afirmar que a importância da informação como produto monetário ultrapassa a de bens, energia e serviços.

É dessa maneira que a sociedade da informação apresenta-se como uma forma parcial e unilateral de expressar o período histórico no qual estamos.



Como observamos, as palavras informação e conhecimento são fundamentais nessa nova realidade. Mas, será que há diferenças entre ambas ou podemos utilizá-las como sinônimos?

O economista e pesquisador da Universidade de Stanford, Marc Uri Porat apresentou no ano de 1977 um estudo sobre a economia da informação e seu alcance. Na pesquisa, feita sob encomenda do governo de Washington, Porat definiu a palavra informação como estoque numérico (tomando-a como quantidade de dados que são organizados e comunicados), criando assim, um importante espaço de críticas e discussões.

Manuel Castells, sociólogo espanhol, considera que existe diferença entre os dois conceitos e prefere utilizar a expressão sociedade do conhecimento ou informacional. Castells acredita que a expressão evidencia de maneira mais exata as transformações atuais, por conta das novas condições tecnológicas que apareceram neste período histórico.

Porém, o sociólogo japonês Masuda, prefere a expressão sociedade da informação. Masuda considera o termo informação mais amplo, se comparado ao conceito de conhecimento, que seria mais restrito. Segundo ele, essa grandeza faz a informação se tornar o elemento necessário e responsável pela estruturação da nova vida social.

Para o autor americano Thomas H. Davenport, isso não é tão fácil quanto parece. Ele propõe que a escolha entre os termos deva partir , *a priori*, da distinção etimológica, pois os dois vocábulos carregam em si significados diferentes.

Enquanto a informação compreende somente dados considerados relevantes e com algum propósito, o conhecimento, por sua vez, resulta da aplicação de uma informação em um contexto específico, conferindo a ela um valor e uso produtivo, por exemplo, a criação de um invento ou a formulação de um remédio. (DAVENPORT, 2000, p. 18)

Outro autor que compartilha essa preocupação é o filósofo alemão, Robert Kurz. Para ele, o conceito de informação “sempre aparece de maneira simplista quando utilizado, pois tudo pode ser tomado como tal: o som de uma buzina, a mensagem automática da próxima estação do metrô, a campainha de um despertador”. Essa explicação abrangente do vocábulo informação coloca em cheque a própria definição do conhecimento, analisa o estudioso.

Por esse motivo, Kurz prefere o uso da expressão sociedade do conhecimento. Segundo ele:

a maravilhosa sociedade do conhecimento aparece, ao que tudo indica, justamente como sociedade da informação, porque se empenha em reduzir o



mundo a um acúmulo de informações e procedimentos de dados e em ampliar de modo permanente os campos de ampliação deste. (KURZ, 2002, p. 14)

Contudo, na maioria das vezes, as expressões sociedade da informação e do conhecimento têm sido usadas com o mesmo sentido. Optamos por Sociedade da Informação neste artigo, por entendermos que a informação é a moeda vigente desse período em que o capital é o conhecimento.

Fruto do pensamento aristotélico, a máxima supracitada permanece atual e se encaixa nos novos paradigmas da sociedade da informação. Aprender, em sentido lato, consiste primeiramente em aprender a aprender. Essa aquisição de saberes supõe, antes de tudo, não um simples acúmulo de conhecimentos, mas um processo constante de atenção, memória e pensamento, onde o indivíduo pode aprofundar e enriquecer de maneira contínua os saberes adquiridos ao longo da vida. Nesse sentido, a aprendizagem se dá a partir do desenvolvimento individual e coletivo; e através do contato com o meio, visto que a busca em compreender o mundo nos coloca como seres críticos perante a realidade, despertando a autonomia e a curiosidade intelectual.

Enquanto membro da sociedade, o indivíduo precisa buscar mecanismos para entendê-la a fim de adaptar-se melhor às suas transformações. Assim como o mundo está em constante mudança, o conhecimento é um processo que evolui infinitamente. Temos ao alcance de nossos mouses, por exemplo, oportunidades de conhecer o novo e de explorar limites. Hoje, tudo pode ser melhorado, conectado e incorporado. Nós somos diariamente inundados por informações que serão interpretadas segundo a experiência de vida, a visão de mundo e a subjetividade de cada um. A nossa percepção aguça os sentidos para o que nos é pertinente e, em termos gerais, inicia a construção ou reconstrução do nosso repertório de saberes.

Em linguagem direta, a Era da Informação não pressupõe somente uma mudança social, mas implica num novo modelo de aquisição de conhecimento, considerando que ter acesso a muitas informações não representa conseqüentemente, uma apreensão desse conhecimento. Como a quantidade de informações geradas cresce exponencialmente, é inútil, além de humanamente impraticável, cultivar a idéia de tentar saber tudo. Segundo o cientista francês Jacques Arsac: “Não é mais possível aprender tudo de cor. Um homem instruído não é mais aquele que sabe muitas coisas; é o homem que sabe buscar a informação”.



Dito isto, é importante destacarmos alguns conceitos com o intuito de assinalar a diferença entre seus significados, são eles: dados, informação e conhecimento. Para tanto, utilizaremos as definições de Setzer (2008):

- 1) **Dado** é uma seqüência de símbolos quantificados e quantificáveis que podem ser manipulados. São exemplos de dados o texto, a figura e o som gravado;
- 2) **Informação** é uma abstração informal, (i.e., não pode ser formalizada por meio de uma teoria lógica ou matemática), que está na mente de alguém, representando algo significativo para essa pessoa;
- 3) **Conhecimento** é uma abstração interior, pessoal, de algo que foi experimentado ou vivenciado por alguém. Nesse sentido, o conhecimento não pode ser descrito, o que se descreve é a informação. Também não depende apenas de uma interpretação pessoal, como a informação, pois requer uma vivência do objeto do conhecimento.

Segundo Setzer (2008), “A informação está associada à semântica. Conhecimento está associado com pragmática, isto é, relaciona-se com alguma coisa existente no "mundo real" do qual se tem uma experiência direta”. Em uma sociedade que disponibiliza uma sucessão muito rápida de informações mediatizadas, o processo de descoberta acaba sendo prejudicado, pois o acúmulo de informações não implica no aprofundamento de apreensão. A tecnologia que transforma essa sociedade disponibiliza uma quantidade de informações quase ilimitada; e o imediatismo que envolve a todos num cenário em que o tempo se torna cada vez mais escasso; conduzem o indivíduo a almejar não somente maneiras mais eficientes no tocante à busca de informações, como também de processar apenas o que considera útil e que corresponda às suas necessidades.

Na contemporaneidade, o *modus vivendi* é notadamente marcado pelas novas tecnologias de informação e comunicação, as chamadas TICs, que podem ser adequadas ao local, condição econômica ou às preferências do indivíduo. Lévy vê com naturalidade o progresso dessas tecnologias:

as redes de computadores carregam uma grande quantidade de tecnologias intelectuais que aumentam e modificam a maioria de nossas capacidades cognitivas: memória (..) raciocínio (..) capacidade de representação mental (...) e percepção (..). O domínio dessas tecnologias intelectuais dá uma vantagem considerável aos grupos e aos contextos humanos que as utilizam de maneira adequada. (LÉVY, *in* Martins e Silva - orgs. 2000, pág.203-204).

Nesse contexto, o volume de informações deve ser ajustado ao interesse dos indivíduos. Segundo Castells (1999, p. 78), “essa nova configuração irá proporcionar o fim da



audiência massiva e o surgimento da comunicação mediada pelo computador, marcada pela interatividade e pela individualização/personalização do consumo de informações”. Mesmo submersos num mundo de informações instantâneas, precisamos ser seletivos na escolha do que aprender. O encadeamento do pensamento depende de uma postura crítica perante os dados que são “jorados” numa velocidade impressionante. A tarefa é árdua, porque filtrar toda essa gama de informações requer uma visão ajustada do mundo. Ao elaborar pensamentos autônomos e críticos, o indivíduo tende a construir as referências intelectuais que o nortearão em seu convívio social, assumindo a posição de sujeito no processo de aquisição desse conhecimento.

É escusado dizer que o usuário ou “internauta” (neologismo derivado da expressão “navegar na Internet”) é dono de um poder de decisão que direciona seu desenvolvimento cognitivo. O discernimento diante do pluralismo permite a formulação de juízos de valor que, transformados em conhecimento, irão privilegiar o desenvolvimento do ser humano. A maturação da personalidade admite um processo dialético em que o indivíduo busca primeiramente conhecer-se, para depois relacionar-se com o outro. É essa possibilidade de ser um agente de mudança que torna o conhecimento um bem inestimável.

Em suma, vivemos em uma era em que dados são “estocados” e configuram um grande banco de informações, do qual nos servimos e escolhemos o que é relevante em determinado momento. É notório que o advento das novas TICs contribuiu com a difusão de dados e informações, mas não de conhecimento, pois este deve ser construído de maneira plural, multidimensional e não-dualista. Os indivíduos dessa era tendem a se adaptar aos novos moldes, até profissões vêm se adequando para atender a essas novas demandas, professor on-line é um exemplo.

A informação está presente e em constante renovação, e cabe ressaltar que o papel do usuário nesse contexto, não é ser um mero receptor, mas um emissor atuante, visto que as tecnologias atuais potencializaram novos espaços de difusão de conhecimentos e formação continuada.

Os benefícios e facilidades advindas do avanço tecnológico são inegáveis. Hoje, de qualquer lugar do planeta podemos acessar bibliotecas, ler livros, assistir vídeos e acompanhar o que acontece no mundo. O conhecimento adquirido configura-se como um grande diferencial da humanidade.

Voltando ao questionamento norteador desse trabalho, ao usar instrumentos precisos para se localizar e dar rumo a seu curso, o usuário direciona sua bússola pessoal para



um destino específico, esse direcionamento necessita de pontos de referência (conhecimentos prévios) para que o mesmo não fique à deriva.

Navegar nesse mar de conhecimento pode, ainda, não ser de todo preciso, considerando a acepção da palavra, mas é altamente aconselhável, principalmente aos que sentem no ato de aprender um prazer indescritível.

REFERÊNCIAS

- BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo, Cultrix, 1973.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 4 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2000. vol.1.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- DAVENPORT, Thomas H. *Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação*. 2. ed. São Paulo, Futura, 2000.
- DIZARD JR., Wilson. *A Nova Mídia: A comunicação de massa na era da informação*. Tradução de Edmond Jorge. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- KURZ, Robert. *A ignorância da sociedade do conhecimento*. Folha de São Paulo, 13 jan. 2002. Caderno Mais.
- LÉVY, Pierre. *A revolução contemporânea em matéria de comunicação (in Martins e Silva - orgs. 2000)*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- MASUDA, Yoneji. *A sociedade da informação como sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2005a.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. 2. ed. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SETZER, V.W. *Dado, informação, conhecimento e competência*. Disponível em <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/dado-info.html>> Acessado em 02/12/2008.
- TOFLER, Alvin. *O choque do futuro*. Rio de Janeiro, Artenova, 1970
- _____. *A terceira Onda*. Ed. Record. Rio de Janeiro.1980.